dagogia da ternura. Bogotá:

Edições Ecoe. Novos programas a serem aplicados a partir de 1996. 2003.

Disponível:http://controlmasproducciones.com/educatewp/wpcontent/uploads/2 013/04/programa-de-transicion.pdf. Acesso em 01 set. 2022.

PERALTA, M.V. Uma pedagogia dá oportunidades. Novas janelas para crianças latino-americanas no século XXI. Buenos Aires: Editorial Andrés Bello. 2002.

PERALTA, M.V. Na construção de uma pedagogia para crianças do século

XXI. Contribuições da América Latina. Madri: OIE. 2004.

PERALTA, M.V. Nascido para ser e aprender. Buenos Aires: Editora Infantil. 2005.

PERALTA, M.V. e FUJIMOTO, G. (1998). Atenção integral à primeira infância na América Latina: questões centrais e desafios para o século

XXI. Santiago, Chile: OEA. Disponível em: http://www.oei.es/inicial/articulos/atencion_primera_infancia.pdf. Acesso em 01 set. 2022.

PIERRO, G. M; HORA, D. M; FERNANDES J. N. Estágios. 1 - 5. Unirio. Rio de Janeiro. Fundação Cecierj. Vol. Único, 2010.

PITLUK, L. O jardim de infância: uma instituição educacional. In L. Pitluk (Coord.), Jardín Maternal III, Um desafio a favor da infância (Coleção 0 a 5, Educação infantil, pp. 6-21). Buenos Aires: Edições de notícias educacionais. 2001.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. Havana: Edição revolucionária. 1968.

_____. História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores. Havana: Cientista Técnico. 1987.

_____. O problema da idade. Em L. Cruz (Ed.), Psicologia do Desenvolvimento: Leituras Selecionadas. Havana: Félix Varela. 2003.
_____. Uma tragédia de Hamlet. Em William Blanck (ed)

Vygotsky. Memória e Validade. Edições C&C. Bons Ares. 1984.

AVALIAÇÃO ESCOLAR E SUAS FINALIDADES

TAMAR VIEIRA DA SILVA

RESUMO

Este artigo faz parte da minha pós-graduação na área da educação e tem como objetivo uma breve análise da avaliação escolar no ensino atualmente. Foram realizadas pesquisas em sites de artigos científicos e em livros acadêmicos buscando assim dialogar com os diversos métodos e autores sobre o tema. A avaliação é importante instrumento de medida e diagnóstico, utilizada nos diferentes segmentos da economia, educação, medicina, etc. ela é imprescindível na área da educação pois, como veremos nesse artigo, a prática pedagógica utiliza as informações obtida através das avaliações para nortear e planejar as atividades escolares, visando proporcionar ao educando uma melhor aprendizagem do conteúdo administrado e os governos utilizam seus dados para elaborar as políticas públicas para a educação. Ela serve não somente de subsídio para o diagnóstico da aprendizagem do aluno, mas também norteia o mestre no seu planejamento, pois, como afirma Luckesi (1996) a avaliação é usada para buscar soluções sobre os problemas por ela detectados. Nesse artigo teremos uma breve análise dos tipos de avaliação mais utilizados no ensino atualmente e podemos concluir que embora a avaliação ainda seja utilizada de modo tradicional, visando tão somente mensurar o conhecimento adquirido pelo educando ou realizar uma classificação, através de notas ou conceitos, existem trabalhos que voltam seu foco para uma avaliação mais emancipadora, realizada de forma contínua e formativa, visando a evolução do aprendizado e o aprimoramento das práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Avaliação. Tipos de Avaliações. Ensino e Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca trazer uma reflexão sobre a avaliação escolar atualmente, para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas com vários autores, entre eles: Paulo Freire, Fernandes, Luckesi, Esteban, entre outros; e em sites da internet que abarcam o tema "avaliação escolar".

O trabalho está dividido em partes buscando facilitar a leitura e a compreensão do tema abordado.

No primeiro tópico está um resumo da história da avaliação escolar no Brasil; no segundo tópico temos um breve relato sobre a avaliação formativa e sua importância na educação; no terceiro tópico consta os tipos de avaliações utilizados no ensino atual; no quarto tópico as considerações finais e no quinto e último tópico temos as referências bibliográficas.

A avaliação sempre teve seu papel na história da humanidade. Desde o seu nascimento o ser humano avalia e é avaliado o tempo todo. Ela é uma importante fonte de informação principalmente na área acadêmica, pois é baseado nas avaliações que o mestre programa suas aulas e inferências no ensino dos conteúdos. Ao longo da história da educa-

ção no Brasil tivemos algumas mudanças no ensino e, consequentemente, na avaliação estudantil. O modelo de ensino adotado no Brasil desde a sua colonização, tinha como objetivo a memorização dos conteúdos pelo aluno e sua fiel reprodução nas provas avaliativas; nesse período buscava-se mensurar o conteúdo decorado pelo educando e atribuir valores que serviam para classificar o aluno.

A avaliação começou a mudar quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692 que atribui ao professor a avaliação do aprendizado do aluno, devendo ressaltar os aspectos qualitativos do aprendizado e ainda sondar e diagnosticar as dificuldades e avanços obtidos pelo educando. Podemos notar uma mudança de foco, pois o aluno não é visto mais como um ser que apenas memoriza conteúdos, mas como alguém com inúmeras possibilidades e habilidades que podem ser desenvolvidas, surge assim a avaliação formativa.

Na avaliação formativa os princípios cognitivos intencionais positivistas e as teorias sócio culturais e sócio cognitivas são os norteadores do processo. O aluno é informado sobre as habilidades, competências, bem como os instrumentos que estarão nessa avaliação. Esse processo avaliativo melhorou os resultados do aprendizado pois o aluno faz a auto avaliação, participa ativamente do seu processo avaliativo, da sua aprendizagem e consegue refletir sobre seus progressos e dificuldades.

Fernandes (2006) afirma que a avaliação formativa é um processo de autoregulamentação porque está norteada pela reflexão sobre a aprendizagem e no processo cognitivo do aluno.

A auto avaliação torna-se, portanto, um instrumento imprescindível na avaliação formativa porque com o diálogo e ajustes das práticas pedagógicas surgem os melhores resultados.

Para Luckesi (2011) a avaliação qualitativa auxilia o mestre no seu trabalho docente pois é utilizada para orientar e ajuda-lo na tomada de decisões que influenciam diretamente no aprendizado do educando.

A avaliação, segundo Vasconcelos (1998), deve servir para o mestre ter uma reflexão crítica da sua prática pedagógica tendo como principal objetivo um melhor acompanhamento do processo de aprendizagem do aluno.

Sabemos que um dos objetivos da avaliação é o de atribuir valores e classificação, porém, a sua principal função é a de diagnosticar dificuldades na aprendizagem.

Para Vasconcelos (1998) a avaliação deve implicar em uma reflexão crítica sobre a prática, visando o diagnóstico da aprendizagem que é a sua principal função.

A reflexão sobre a prática pedagógica, possibilitada pela avaliação formativa, possibilita ao professor tomar decisões na sua prática pedagógica e auxilia no acompanhamento do aprendizado do aluno, contribuindo para uma melhor aprendizagem.

Avaliar, por tanto, não é apenas mensurar, mas sim refletir sobre o aprendizado partindo das informações obtidas na avaliação, emitindo um julgamento que proporcione a tomada de decisões para a melhoria do ensino.

BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO

A avaliação foi criada como instrumento que facilitasse a mensuração do conhecimento adquirido pelo aluno, porém, esse termo "avaliação" é recente; se procurarmos na história veremos que os primeiros indícios de avaliação recebiam o nome de "exames" e não estavam restritos à área acadêmica.

Esses exames nasceram na China, nos anos de 1.200 a C e somente a partir do séc. XIX essa prática foi adotada pelas escolas para realizar a avaliação do aprendizado, tomando, segundo Luckesi (2002), um espaço tão grande no processo de ensino que a prática pedagógica foi direcionada e orientada pelos exames. A educação aderiu a pedagogia dos exames que visava a certificação da aprendizagem.

Entretanto, surge no século XX os "testes psicológicos" que vão substituir a palavra "exame". Esses testes psicológicos articulavam a teoria com o quoeficiente intelectual denominado "QI"e foi amplamente utilizado na época. Somente na metade do século XX é que a palavra "avaliação" aparece para substituir o termo "testes psicológicos"

Os nomes dados a esse processo avaliativo podem variar, como já vimos; porém, a sua finalidade continua sendo a mesma, ou seja, a de controle do aprendizado.

Controlar o aprendizado é tarefa importante para a escola, visto que ela é um dos principais aparelhos ideológicos utilizado pela classe dominante da sociedade. O ambiente escolar é usado para reproduzir, difundir os saberes e afazeres que interessam à essa classe; perpetuando assim o poder opressor exercido pela ditadura da classe dominante sobre seus subalternos.

Segundo Esteban (2002), enquanto foi adotado, o exame foi utilizado para selecionar entre os indivíduos do sexo masculino aqueles que exerceriam funções em cargos públicos.

Na sociedade chinesa o exame dava acesso à administração pública e servia de instrumento para ajustar o sujeito às regras e técnicas da sociedade chinesa. Já no século XVII Comenius afirma que o exame é um espaço de aprendizagem e não de constatação dela, pois, se o aluno não aprendeu é preciso refletir sobre a prática pedagógica e rever o método utilizado a fim de promover a aprendizagem.

Enquanto Comenius vê o exame como um aliado da prática pedagógica, La Salle afirma que o exame deve servir de supervisão permanente do aprendizado, ou seja, uma vigilância contínua centrada no aluno e no exame.

Observando a linha do tempo, podemos afirmar que essa primeira forma de avaliação denominada "exame" não foi criada para avaliação do aprendizado nas escolas, mas sim como instrumento de controle e manutenção social na China e que somente no séc. XVII foi dividido em dois campos: Comenius e La Salle, iniciando assim, no séc. XIX, a sua utilização na instituição escolar.

Para Esteban (2002) os fatores que embasam a pedagogia do exame são: as necessidades sociais, como a industrialização; a eficiência no aprendizado; o aumento do vínculo do sistema escolar, ou seja, o currículo, visando a melhoria do ensino, pois, através do exame obtém-se a certificação do aprendizado. Essa pedagogia do exame é voltada para a certificação e promoção do aluno à série seguinte desde que ele obtenha nota para tanto.

Luckesi (2002) explica que o aluno busca a nota e faz contas, tira médias para melhor avaliar a sua situação, não importa se ele aprendeu ou não, porque é a nota da avaliação que domina o ambiente escolar, isto é, a prática escolar gira entorno da avaliação.

Na pedagogia a palavra "exame" foi substituída no séc. XX por "teste". Havia uma escala que "media" as inteligências através de instrumentos, isto é, a capacidade que o aluno tem para aprender determinado conteúdo. Esses mesmos testes foram utilizados para justificar a eliminação dos alunos denominados "degenerados mentais", os quais eram impedidos de frequentar o ambiente escolar.

O termo avaliação aparece em meados do séc. XX juntamente com a escola tecnicista que tinha como principal objetivo formar mão de obra para as indústrias e tecnologias da época, nesse contexto a avaliação ficava restrita ao campo técnico.

A palavra "avaliação" foi escolhida para expressar neutralidade, imagem acadêmica, etc., mas, segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa, "avaliar" significa: "Determinar o valor, o preço, a importância de alguma coisa" ou ainda "Fazer uma consideração sobre algo, alguém ou sobre si mesmo; julgar-se ou considerar-se" já a palavra verificar significa "Examinar, analisar o teor de verdade em algo; averiguar a veracidade das coisas: verificar as provas analisadas; verificar se a nota era verdadeira", ou ainda, "Ter a comprovação de; comprovar: suas ideias confirmaram as teorias. "

Para Luckesi (2002) avaliar e verificar são coisas distintas, pois, a palavra "verificar" é derivada do latim e significa "fazer verdadeiro", isto é, tornar algo ou alguma coisa verdadeira; já o conceito de "verificação" aparece com a intenção de averiguação, isto é, examinar, provar a veracidade de algo ou alguma coisa.

Luckesi (2002) afirma que a palavra "avaliar", também originária do latim, significa "dar valor a", mas, o termo "avaliação" é utilizado como "atribuir valor ou qualidade à alguma coisa ou algo", levando a um posicionamento de julgamento positivo ou negativo do objeto analisado.

A avaliação é, portanto, uma ação que vai além da simples verificação, pois ela implica em uma tomada de decisão favorável ou contrária, antes e depois de efetuada a averiguação; instigando assim a uma mudança de ação se isso for necessário.

No Brasil o conceito de "avaliação" como instrumento utilizado apenas para atribuir valor começou a mudar em 1971 com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) nº 5.692, que determina que a avaliação escolar deve ser realizada pelo professor dando ênfase a qualidade da aprendizagem.

Com essa mudança de paradigma observa-se um olhar voltado ao educando como ser humano com possibilidades e dimensões a serem descobertas e trabalhadas, surgindo assim a ideia de uma avaliação formativa, onde o aluno participa ativamente da sua formação acadêmica.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

A avaliação formativa é norteada por princípios intencionais, cognitivos, positivistas e teorias sócio culturais. Nesse modelo de avaliação é esclarecido ao educando o que está sendo avaliado (as competências e habilidades) e como se dará essa avaliação (instrumentos de avaliação).

Esse modelo de avaliação produz melhores resultados no aprendizado, pois o aluno participa do seu aprendizado mais ativamente junto com o mestre que analisa e avalia as conquistas e dificuldades do seu aluno, podendo assim melhor planejar as suas práticas pedagógicas para que o educando avance no seu aprendizado.

Ela é, portanto, um processo de auto avaliação e de auto-regulamentação da aprendizagem, segundo Fernandes (2006).

Nesse processo, a auto avaliação é essencial porque é pelo diálogo e reflexão da prática pedagógica que se proporciona a melhoria do aprendizado, segundo o modelo construtivista.

Luckesi (2011) afirma que a avaliação qualitativa orienta o mestre no seu fazer pedagógico e auxilia-o nas escolhas no seu planejamento docente.

Ainda hoje quando pensamos em avaliação sempre nos vem à mente a ideia antiga de mensurar o conhecimento "transmitido" pelo professor ao educando como no méto-

do antigo de "educação bancária" conforme citada por Paulo Freire.

Esse modelo educacional antigo utiliza o método tradicional de ensino no qual o educando não participa do processo de aprendizagem, apenas reproduz o que lhe foi ensinado, nele a prioridade é o saber universal e a metodologia utilizada é a memorização e repetição do conteúdo que muitas vezes não faz parte da realidade do aluno, fazendo com que esse aprendizado não seja significativo para o educando.

Nele são utilizadas notas que são atribuídas de acordo com a memorização dos conteúdos, as quais passam a ser o maior objetivo do aluno e do professor. A avaliação deixa, portanto, de cumprir o seu papel no controle social da utilização de recursos, na utilização desses recursos, no processo de formulação de políticas públicas e na implementação de normas para melhorar o ensino.

Conforme nos diz Rabelo (1998), o que podemos esperar de um processo de ensino onde a memorização é mais importante que o raciocínio? Podemos avaliar tão somente o conteúdo memorizado onde o aluno "devolve" o que lhe foi "depositado" pelo mestre, padronizando assim o ensino, exatamente como era na época dos jesuítas, isto é, na época da colonização do Brasil.

Na época dos jesuítas o educando que não memorizasse os conteúdos sofria represarias que podiam ser até mesmo agressões físicas. Ainda nos dias de hoje, na grande maioria das escolas brasileiras, as notas obtidas nas avaliações são utilizadas pelos mestres como forma de coação para que o aluno estude mais. A avaliação nesses casos só serve para mensurar a retenção de conteúdos pelos alunos, deixando assim o seu papel de controle social da utilização de recursos e da participação na formulação das políticas públicas, visando a melhoria do ensino.

OS TIPOS DE AVALIAÇÕES UTILIZADOS NO ENSINO ATUAL

Segundo Kelly Drumond, as avaliações podem ser externas ou internas

Avaliações externas ou "Avaliações Externas de Desempenho" como são mais conhecidas, têm como objetivo aferir a qualidade do ensino e utilizar esses dados para elaboração das políticas públicas. Elas servem de reflexão da prática educacional, mesmo que não seja feita a análise individual do aprendizado de cada aluno; servindo para redirecionar as práticas pedagógicas. São exemplos de avaliações externas:

ENEM, PROVA BRASIL, PISA, ANA, SAEB...

Avaliações internas de aprendizagem são aquelas realizadas na sala de aula pelo professor geralmente utilizadas para acompanhar o aprendizado do educando, servindo como norte para a elaboração dos planos de aula coletivo e individual, para isso o mestre recorre a vários modelos de avaliações sendo que atualmente os mais utilizados são: avaliação diagnóstica; avaliação formativa; avaliação comparativa; avaliação somativa.

É de suma importância que essas avaliações sejam realizadas continuamente, fazendo parte de um ciclo avaliativo constante.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A avaliação diagnóstica busca identificar o conhecimento que o aluno já adquiriu, suas habilidades ou suas dificuldades na aprendizagem; seu objetivo principal é o de conhecer melhor o aluno e identificar suas necessidades para facilitar o seu progresso na aprendizagem. Ela não é uma avaliação classificatória, isto é, não tem como objetivo atribuir nota ao aluno, seu principal objetivo é o de indicar os avanços e as dificuldades de uma turma de alunos, evidenciando assim os pontos fortes e os fracos da equipe analisada, possibilitando assim às instituições e aos mestres reflexões sobre quais estratégias devem ser usadas e quais intervenções pedagógicas devem ser aplicadas para melhoria do aprendizado dos alunos.

Esse modelo de avaliação, segundo Luckesi (2002) tem as características de buscar analisar o estágio de aprendizado do educando, isso auxiliará o mestre no seu planejamento pedagógico e na tomada de decisões que auxiliarão no avanço da aprendizagem.

Ela é um instrumento crítico no qual o aluno participa ativamente e tem uma função de autoanálise que pode ser utilizada pelo mestre para nortear sua ação pedagógica; pelo aluno para saber o nível de sua aprendizagem e pelo sistema de ensino para checar a qualidade do ensino desenvolvido.

Ela pode ser aplicada antes ou durante o processo de aprendizagem possibilitando saber os conteúdos já aprendidos pelo aluno e facilitando a análise dos problemas e ajustes no planejamento das aulas.

São exemplos de avaliações diagnósticas:

- provas ou testes escritos;
- provas ou testes orais;
- simulados;
- auto avaliação online;
- perguntas e questionários.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

O objetivo da Avaliação Formativa não é o de atribuir nota ao desempenho do aluno, mas sim, o de verificar o progresso e as dificuldades no aprendizado do educando, isto é, a evolução do aluno na aquisição do

conhecimento. Ela mede o desempenho da aprendizagem dos estudantes durante o processo de ensino; utilizando para isso de instrumentos tais como:

• produções orais;

• questionários;

• listas de exercícios;

• seminários;

• auto avaliação;

• observação de desempenho;

• estudos de caso;

• produções audiovisuais;

• avaliações online;

• produções coletivas e individuais de trabalhos e pesquisas.

O foco dessa avaliação é a formação na qual, o acompanhamento do aprendizado do aluno é mais amplo, avaliando não somente o conteúdo assimilado, mas também as competências e habilidades aprendidas

AVALIAÇÃO COMPARATIVA

A avaliação comparativa tem como principal objetivo qualificar o ensino, buscando mensurar o nível de conhecimento e habilidades dos alunos, demonstrando assim o que já foi aprendido e o que precisa ser ensinado, servindo para nortear trabalho pedagógico do professor, evidenciando o que deve ser modificado no seu plano pedagógico.

Para esse tipo de avaliação são utilizados:

• testes rápidos ou trabalhos simples durante ou ao fim da aula;

• resumos dos conteúdos trabalhados;

• observação de desempenho;

• relatórios;

• atividades para casa;

• auto avaliação;

• avaliação entre pares.

AVALIAÇÃO SOMATIVA

A avaliação somativa é provavelmente a mais utilizada nas escolas brasileiras. Elas são realizadas ao fim de cada período, isto é, a cada ciclo da aprendizagem, podendo ser bimestrais, trimestrais, semestrais, anuais, etc.

Seu principal objetivo é o de aferir o grau do aprendizado do aluno quanto aos conteúdos pré-estabelecidos, utilizando para isso a atribuição de notas ou conceitos como forma classificatória.

São exemplos de avaliação somativa:

• exames avaliativos escritos ao final de um período escolar;

• junção de uma ou mais atividades trabalhadas pelo professor;

• atividades de múltipla escolha;

• atividade de resposta construída.

Ela pode ser utilizada para diagnosticar e auxiliar na melhora de resultados com o objetivo de propiciar uma melhor aprendizagem, melhorando, por conseguinte todo um sistema de ensino ou ainda, tão somente, para atribuir valor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação, até nos dias atuais, é usada para classificar e excluir, reproduzindo fielmente a nossa sociedade dominante. O professor ainda usa a avaliação como meio de poder e classificação, visando tão somente a nota obtida pelo aluno.

É necessário mudar esse significado de avaliação para que a aprendizagem seja mais rica e significativa ao educando, para isso, a avaliação tem que buscar não somente mensurar, mas também qualificar o aprendizado na construção do conhecimento participativo do aluno, utilizando como instrumento avaliativo a avaliação diagnóstica.

Para Luckesi (1995) avaliar significa buscar soluções para os impasses identificados. Ela deve subsidiar o diagnóstico da aprendizagem do aluno e servir para nortear o professor nas intervenções necessárias para alcançar os objetivos da aprendizagem.

Podemos concluir, portanto, que a avaliação ultrapassa a função de atribuir valor ou classificar. Ela tem um sentido mais amplo, também serve para diagnosticar, nortear os professores na sua prática pedagógica e os dirigentes públicos na formulação de políticas públicas para a educação, favorecendo assim a melhoria de todo o sistema de ensino.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, pg.7) são objetivos do ensino fundamental, entre outros, que os alunos sejam capazes de:

• compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

• posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;

• perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identi-